

JORNAL

Pão e Rosas

www.nucleopaoerosas.blogspot.com

MULHERES, SOZINHAS, É MUITO DIFÍCIL! Vamos juntas lutar pelos nossos direitos e pelo fim deste sistema de opressão e exploração!

No momento em que estamos escrevendo este jornal, após nossa 2ª Plenária onde reunimos cerca de 80 mulheres estudantes e trabalhadoras, a América Latina revive os tempos da ditadura. Hoje, em Honduras, mulheres e homens do povo pobre e da classe trabalhadora se levantam contra o golpe de Estado do qual foram vítimas, em 28 de junho. Feministas hondurenhas pedem solidariedade a todas as mulheres da América Latina. Nós, do Pão e Rosas, não podemos deixar de dizer, em primeiro lugar que: **SOMOS TODAS HONDURENHAS!**

Nossa agrupação, desde seu surgimento, discute a opressão da mulher partindo da realidade em que vivemos. No estouro da crise financeira internacional, em setembro do ano passado, nós do Pão e Rosas nos levantamos para dizer: **que a crise seja paga pelos capitalistas!** No 8 de março e no 1º de maio, quando o Brasil já tinha altos índices de demissões e perdas de postos de emprego, enquanto a burocracia sindical cumpria um papel de cúmplice dos grandes empresários, saímos às ruas e dissemos **"basta de acordos e de demissões, nós somos mulheres que enfrentam os patrões"**. Quando um representante da Igreja Católica disse publicamente que "o aborto é um crime pior que o estupro", diante da gravidez de uma criança de 9 anos estuprada pelo próprio padrasto, o que lhe conferia risco de vida, afinal eram gêmeos e a menina pesava 36 kg, gritamos com muito ódio **"basta de estupro, de morte e de dor, hipócrita Igreja está com o estuprador"**. Nas universidades, fomos contra a corrente do conhecimento que quer nos apagar da história, dissemos não e publicamos "Lutadoras. Histórias de mulheres que fizeram história". Nas universidades, as estudantes do Pão e Rosas gritavam **"incorporação imediata de todas as trabalhadoras e trabalhadores terceirizados"**, porque todas nós entendemos que a **"terceirização escraviza, humilha, divide"**. Repudiamos a prisão de mulheres por terem recorrido a abortos clandestinos, enquanto os políticos corruptos seguiam em liberdade. Denunciamos a situação de miséria a que foi submetida a população do Norte e do Nordeste diante das enchentes. Demonstramos que o governo de Lula é o principal agente da permanência das tropas brasileiras no Haiti, que violentam, estupram e matam nossas irmãs haitianas. Estivemos na linha de frente da greve dos trabalhadores e trabalhadoras da USP, assim como nas universidades estaduais paulistas, na luta pelo fim do vestibular, contra essa estrutura de universidade elitista, racista e machista, nos enfrentando com a burocracia acadêmica, e até mesmo com a polícia do governo Serra. E hoje, frente às discussões que se abrem sobre as candidaturas para a presidência do país em 2010, em que o PT projeta a figura de Dilma Roussef e o PV convida Marina Silva a lançar uma candidatura, não podemos deixar de dizer que algumas mulheres ocupando cadeiras de comando dessa democracia dos ricos em nada significam a emancipação de nós mulheres. Ao mesmo tempo, não podemos deixar de dizer que uma mulher como Heloísa Helena, apesar de aparecer como mulher de esquerda para grande parte da população, não representa nossas demandas, sendo figura destacada de uma campanha reacionária ativa contra o direito ao aborto, enquanto tantas mulheres morrem por abortos clandestinos.

Por tudo isso não nos pode faltar o necessário repúdio dessa crise das "instituições do regime" da democracia em que vivemos, onde uma família Sarney é dona de um estado inteiro, submetendo toda uma população para

manter seus privilégios, com o apoio do governo Lula, numa demonstração clara de que a democracia que muitos encham a boca para defender é nada mais do que a democracia dos ricos. Enquanto o senhor Sarney, sua neta e o namorado dela passam muito bem com o dinheiro público, pelo menos 28 mulheres grávidas morreram pelas consequências da gripe A. Nas universidades, os estudantes e professores tiveram suas aulas adiadas por conta da pandemia, mas os trabalhadores não. Por acaso os e as trabalhadoras são imunes à gripe A? E aqueles que nos negam o direito ao aborto e dizem defender a vida, nada falam sobre a morte do bebê de Manoela, no Rio de Janeiro, após o médico ter omitido seu atendimento, escrevendo indicações em seu braço, numa demonstração do que significa o sistema de saúde público brasileiro. Mas por que será que poderíamos ficar páginas e páginas enumerando as crueldades, os abusos, as violências contra as mulheres e a população pobre que vemos aumentar a cada dia? Trata-se de relações sociais onde predomina a maldade do homem? Não, companheiras. Trata-se de um sistema que tem como fundamento a exploração da maioria da população por uma pequena parcela de pessoas. E esse sistema se chama capitalismo.

É nesse cenário em que estamos apresentando a necessidade de construir um forte movimento de mulheres. Sim, acreditamos que é necessário lutar por todos os nossos direitos. Mas achamos que essa luta é indissociável da luta por uma outra sociedade, que possa nos dar as bases para acabar com a opressão. Isso porque, essa opressão, que antecede o capitalismo, aliada a ele se potencializa, multiplicando as amarras que relegam as mulheres às piores condições de vida. E as trabalhadoras sentem duplamente esse peso. É no capitalismo também onde vemos uma propaganda abusiva dos corpos das mulheres, não somente "vendendo" a idéia de um corpo feminino ideal e impossível de ser alcançado, mas também vendendo diretamente os corpos das mulheres, em poderosas redes

de tráfico. Estupros dia e noite nas ruas, assédios sexuais nas moradias estudantis, e um grande silêncio e impunidade reina no país da repressão, com a polícia mais assassina do mundo, que é conivente com o assassinato de um jovem trabalhador negro e homossexual no dia da última Parada Gay em São Paulo. Sobre ele nós dissemos:

Somos todas Marcelo Campos.

Não há emancipação possível enquanto a estrutura desta sociedade permanecer intacta, no seu fundamento de exploração de uma classe sobre outra, que utiliza a opressão da mulher para garantir a reprodução de sua força de trabalho através do trabalho doméstico não remunerado. É por isso que desde o nosso surgimento, como um movimento latino-americano, que existe na Argentina e no Chile, e também no Estado Espanhol, acreditamos que seria extremamente necessário dar respostas aos problemas das mulheres trabalhadoras, mas também da classe trabalhadora de conjunto, enxergando nela um aliado estratégico pelo fim deste sistema.

Levantemos todas, mulheres latino-americanas, assim como nossas companheiras hondurenhas, que são exemplo a ser seguido! Chamamos as mulheres de todos os países da América Latina, a construir um forte grupo de mulheres para lutar contra todas as formas de opressão e exploração que nos submete, subjuga e nos rouba a vida. Na 2ª Plenária do Pão e Rosas Brasil, a saudação das companheiras do *Pan y Rosas* da Argentina nos apontou que podemos e devemos nos colocar a perspectiva de juntas construir o Pão e Rosas em toda América Latina! Hoje, depois de uma atividade intensa do Pão e Rosas no primeiro semestre, acreditamos que estão dadas todas as condições para colocarmos de pé uma forte agrupação de mulheres, com centenas de companheiras trabalhadoras, estudantes, donas de casa, desempregadas... *Venha construir conosco o Pão e Rosas!*



GRUPO DE MULHERES IMPULSIONADO PELA LIGA ESTRATÉGIA REVOLUCIONÁRIA E INDEPENDENTES

2ª Plenária do Pão e Rosas

depoimentos...

No dia 01/08, nós do grupo de mulheres Pão e Rosas, realizamos nossa segunda Plenária, com a presença de mais de 70 companheiras, entre trabalhadoras da USP que participaram ativamente da recente greve de trabalhadores, trabalhadoras do comércio, do Carrefour, do Tribunal de Justiça de São Paulo, terceirizadas da limpeza, professoras e donas de casa, e também estudantes da Unesp de Rio Claro, Araraquara, Marília, Franca, Bauru e Rio Preto, PUC-SP, USP, Fundação Santo André, Mackenzie, São Judas, Unicastelo Itaquera, Unicamp, estudantes do cursinho popular "Hebert de Souza" de Campinas, pós-graduandas da UFRJ e UEMG.

Nós mulheres do Pão e Rosas nos colocamos na luta contra esta sociedade que nos diz que somos iguais, mas que a todo momento nos prova de que vivemos numa sociedade que nos oprime, nos explora, nos humilha. Nos incumbimos da tarefa de sermos um grupo que não pense a questão de gênero isolada da realidade a qual vivemos e de todo sistema de exploração a que somos submetidas, deste modo nos colocamos numa perspectiva de classe e de luta para rompermos com os grillhões que a nós é imposto. Para tanto vemos a necessidade de construirmos um grupo que se coloque ao lado das mulheres trabalhadoras, que lutemos por elas e com elas, levantando uma bandeira feminina e classista, e é neste sentido que o Pão e Rosas-Marília está se forjando, como um grupo que nasceu neste ano de 2009, mas que vê claramente a necessidade de ser um grupo combativo e de luta anticapitalista.

Sheila Lima, estudante da Unesp-Marília

Eu achei a plenária interessante porque é um grupo de mulheres que estão lutando pelos seus direitos, porque no mundo em que a gente está hoje ainda tem muito preconceito contra a mulher, com a plenária do Pão e Rosas estamos tentando tirar um barreira da própria sociedade, acabar o machismo. Discutimos sobre a precarização do trabalho feminino, por exemplo, no trabalho terceirizado existem mais mulheres do que homem... e quantas supervisoras existem? Entre vinte supervisores, uma é supervisora, isso mostra machismo até dentro do trabalho mais precarizados. Por isso é importante nós nos organizarmos e nos unirmos contra as injustiças causadas dentro do sistema capitalista, entre elas o machismo.

Patrícia, trabalhadora terceirizada da limpeza de uma EMEI de São Paulo

Nós do Pão e Rosas, queremos forjar uma nova tradição na esquerda, no movimento estudantil e nos movimentos sindicais, que muitas vezes tratam da questão da mulher e da sua opressão de forma superficial ou menos importante. Queremos romper com essa tradição e sair do abstrato e irmos para o concreto.

No dia 1º de agosto, na plenária do Pão e Rosas com várias companheiras presentes, de diversos locais, entre trabalhadoras, donas de casa e estudantes discutimos os nossos projetos, e trabalhos que já estamos realizando e que queremos avançar muito mais, como a campanha pelo fim da terceirização e incorporação imediata das/os trabalhadoras/es, pelo direito ao aborto legal e gratuito, abaixo ao golpe em Honduras... Mas ainda temos muito que avançar, e somos muito poucas, portanto, desejamos que todas as mulheres que assim como nós sentem a necessidade de romper com a lógica na qual estamos inseridas, que queiram lutar pelos direitos das mulheres, entendendo que nossa opressão é o alimento desse sistema capitalista, e que portanto, lutar pelos nossos direitos é lutar pelo fim desse sistema, se somem a nós e nos ajudem a crescer, e sermos uma grande agrupação de mulheres que não se calam!

Ariane Mendonça, estudante da Unesp-Marília

A plenária foi muito importante, principalmente pela participação das companheiras trabalhadoras, que tem o desafio de driblar a dupla jornada para militar todos os dias. Isso me motiva muito e é para nós estudantes, uma grande lição, demonstrando a importância de se ligar as trabalhadoras e que só junto a elas poderemos lutar contra o sistema capitalista que significa para nós mulheres: opressão e exploração.

Ana Carolina B. Nogueira – integrante do Diretório Acadêmico da Unesp-Rio Claro – gestão "Por uma questão de classe"

Não imaginava que tanta gente viria à Plenária. Mulheres de todos os lugares, classes sociais e sotaques se reuniram para discutir problemas com que todas convivemos diariamente, como homofobia, terceirização, aborto clandestino e, em um tópico mais recente, a Gripe A. As diversas opiniões e pontos de vista enriqueceram o encontro e abriram espaço para debates e questionamentos. O depoimento das trabalhadoras terceirizadas emocionou a todos e confirmou que precisamos de mudanças. A festa de encerramento foi muito divertida e era possível perceber que muitos assuntos ainda estavam sendo discutidos, mesmo que em meio à música e à comida. O agradecimento das companheiras argentinas incentivou mais ainda nosso trabalho aqui no Brasil que, com certeza, vai continuar crescendo e representando a cada dia a força e a luta de cada mulher.

Maju, estudante da PUC-SP

O Capitalismo nos dá uma sensação de emancipação feminina, de direitos iguais, porém essa sensação é falsa, pois as mulheres ainda sofrem uma grande opressão social, como: a mercantilização do corpo feminino, os salários inferiores ao do homem, além de que a grande maioria das mulheres tem uma dupla ou tripla jornada de trabalho tendo que cuidar da casa, dos filhos e manter um emprego. Assim, o grupo Pão e Rosas me agrada, pois chama para o debate questões políticas, não só pelo ponto de vista do machismo unicamente, mas com uma visão classista, criticando todo o sistema econômico, pegando o problema pela raiz. Sendo assim, creio que a questão não é unicamente a luta por direitos iguais para ambos os sexos, e sim a mudança do sistema econômico atual, e, por conseguinte, com um novo sistema produtivo todas as relações sociais vão se transformar, e entre outras, a questão da mulher.

Fernanda M. M. Sarmiento, estudante de Ciências Sociais da Unicamp

1ª Impressão: Pão e Rosas. Ao ver todos aqueles rostos muito jovens, senti-me lisonjeada por compartilhar com mulheres com capacidade de inovação! Nosso futuro não está assegurado, isto é um fato, contudo é imperativo trabalhar de modo estratégico para que ele aconteça, amenizando situações negativas, contraditórias e conflitos.

Selma Cristina B. Nogueira, contadora, trabalha na área da educação

Vejo o grupo Pão e Rosas como uma oportunidade não só de expressão, mas também de ação, para todas aquelas mulheres que se indignam frente à opressão a que estamos submetidas e acreditam ser necessário dizer um alto e belo basta! E neste sentido o grupo surge como forma de unir as nossas vozes e mostrar para a sociedade que não aceitaremos caladas que mulheres sejam criminalizadas por praticarem aborto, que milhares de mulheres continuem morrendo devido a conseqüências de abortos praticados em condições insalubres, que nossos corpos sejam vistos como mercadoria, que continuemos a ser vítimas de violência doméstica, exploradas pela dupla jornada e ocupando os piores e mais precários postos de trabalho. São por essas e outras questões que acredito ser de fundamental importância impulsionar o grupo de mulheres Pão e Rosas que, a meu ver, tem um forte potencial para tornar-se um amplo movimento de mulheres. Afinal, se nós mulheres não nos unirmos para lutar contra a opressão e exploração que esta sociedade nos submete, quem o fará por nós?

Camila Loures, estudante de pedagogia da Unicastelo-Itaquera e trabalhadora da educação no município de São Paulo

Não basta irmos as ruas no 8 de março gritar palavras bonitas e depois voltarmos as nossas vidas normais. É preciso organizar a luta no ano todo, e para isso temos que buscar discutir e enfrentar a exploração, opressão e humilhações que nos mulheres sofremos no dia-a-dia em nossa casa, no trabalho, na escola e universidade. Para isso, temos que entender o funcionamento do capitalismo e seus mecanismos de dominação para que possamos nos armarmos contra nosso principal inimigo (a burguesia), que é quem mais se aproveita da nossa opressão. Logo, é fundamental resgatar a história da classe operária e das mulheres que deram suas vidas na luta contra o capitalismo, história que o inimigo tenta, não por acaso, esconder ou modificar. Mas essa luta não da pra ser feita sozinha, temos que nos unir e construir o Pão e Rosas, que hoje é o grupo que cumpre esse papel. Temos feito campanhas, atos e reuniões importantes frente aos últimos acontecimentos e as demandas da nossa classe e por isso estamos vendo o grupo amadurecer e crescer.

Celeste, professora municipal no ABC Paulista

Exigimos nosso direito à maternidade e à vida, e saúde para todos!

Por Milena Bagetti, Bruna Bastos e Clarissa Menezes



A gripe A (H1N1) que já se espalhou por todo o globo está atingindo com maior letalidade as crianças, idosos e mulheres grávidas em função de o sistema imunológico ser mais frágil. Mas não é somente esse o grupo de risco que é atingido, a população mais pobre do Brasil já sofre e morre diariamente em consequência de doenças causadas pelas péssimas condições de moradia e saneamento, alimentação e nutrição, e com essa pandemia, é atingida fortemente.

No Brasil, segundo dados do Ministério da Saúde, das 192 mortes registradas pela doença no país até 8 de agosto, 28 eram de gestantes (14,5%). De todos os casos confirmados de gripe H1N1 no país, 8,5% são gestantes.

A gravidez não é doença, que isso esteja claro. Acontece que nós mulheres ao engravidar nosso organismo se adapta para nos manter e ao feto. Temos então o bombeamento de 30 a 50% a mais de sangue para o coração, respiramos mais rápida e profundamente para obter mais oxigênio. ficamos mais vulneráveis às doenças que atacam o sistema respiratório, pois como nosso útero aumenta, ele pressiona os pulmões reduzindo sua capacidade, fazendo com que, no caso de infecção pelo vírus da gripe A, nosso sistema respiratório fique ainda mais comprometido. Além disso, uma alimentação saudável com todos os nutrientes necessários é imprescindível para o fortalecimento do sistema imunológico. No entanto, milhões de mulheres brasileiras pobres não obtêm acesso a alimentos de qualidade e em quantidade suficiente, ficando ainda mais suscetíveis às diversas enfermidades, entre elas a gripe A.

No Sistema Único de Saúde (SUS), diante dessa pandemia, os e as profissionais da saúde sequer têm acesso aos insumos necessários para sua proteção, como máscaras "bico de pato" e materiais para higiene. Além disso, o tratamento para gripe A requer o uso dos medicamentos que são comprados por custos altíssimos de empresas multinacionais ávidas por lucro e estão sendo insuficientes para o tratamento em muitos locais. Enquanto o governo federal afirma que o país está preparado para enfrentar a pandemia, as filas nos hospitais revelam uma realidade desesperadora. Além de muitas horas de espera, em grande parte dos casos de suspeita da gripe A, o paciente não tem acesso ao teste, já que a orientação do governo é restringir o teste aos casos de maior gravidade. Dessa forma, o vírus se espalha ainda mais e os pacientes não são tratados a

tempo. Reivindicamos que sejam produzidos medicamentos genéricos, para baratear o tratamento da gripe A e que os governos distribuam toda medicação necessária nos hospitais públicos e todos os estabelecimentos de saúde com profissional qualificado para diagnóstico e prescrição.

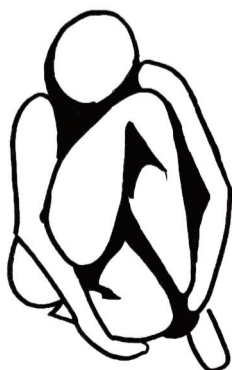
Hoje, enquanto poucos governos postergam o início das atividades de creches, escolas e universidades, os/as trabalhadores/as destes locais não são todos dispensados, mostrando que para as empresas e governos, a vida dos trabalhadores vale menos. Em milhares de locais de trabalho as trabalhadoras grávidas seguem exercendo seu trabalho apesar dos altos índices de mortalidade. Sem contar as grandes fábricas, empresas de telemarketing, supermercados, entre outros, que continuam com a produção e o trabalho a todo vapor em ambientes fechados, com um conglomerado de mulheres e homens, com quase nenhuma circulação de ar, nenhum tipo de higienização periódica, em locais como estes o mesmo objeto passa na mão de dezenas ou centenas de pessoas (sejam peças, dinheiro), caracterizando assim um ambiente propício para a proliferação da doença.

O nosso direito à maternidade é negado cotidianamente, pois as trabalhadoras e o povo são diariamente colocados em situações e condições de risco, passando por privações alimentares, morando em locais sem condições de saneamento, sem água potável, sem emprego, ou com trabalhos precários, sem acesso a uma saúde pública e de qualidade que atenda às suas necessidades, e esse conjunto de fatores influencia diretamente em sua condição de saúde.

O caos na saúde pública em nosso país há anos se arrasta, enquanto isso presenciemos uma explosão de denúncias de corrupção no Senado, e em governos estaduais como o do Rio Grande do Sul. Todo dia temos notícias de mais esquemas de corrupção e o arquivamento descarado dos processos (quando são abertos). O dinheiro público que deveria ser destinado às demandas da população, em saúde, educação, moradia, acaba alimentando a farra nas instituições políticas brasileiras enquanto outra parte é destinada ao pagamento de dívidas que não criamos. Passamos por um momento histórico em que o neoliberalismo aguçou todo individualismo, mas não podemos nos deixar contaminar, por isso devemos nos colocar em pé de luta, para juntas lutar e conquistar nossos direitos!

Por isso, diante da gripe A, em defesa da vida das trabalhadoras grávidas, exigimos afastamento de todas trabalhadoras, efetivas e terceirizadas, sem nenhum desconto salarial e de benefícios! Assistência mais intensa ao pré-natal. Mais verbas para a Saúde Pública! Contratação de profissionais da saúde efetivos, médicos, enfermeiros, farmacêuticos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, dentistas, entre outros profissionais da saúde! Garantia de alimentação, orientação e medicação necessária às mulheres trabalhadoras das periferias, trabalhadoras domésticas, donas de casa, a todas trabalhadoras informais e desempregadas! Vacina para todas e todos já! Distribuição de antivirais em todos os postos de saúde e hospitais públicos, em base à quebra da patente e distribuição gratuita para todas e todas que necessitem! Abertura gratuita à população das clínicas e hospitais privados imediatamente! **Mais nenhuma morte por Gripe A!**

OUTRA CAMPANHA NOSSA SOBRE SAÚDE DA MULHER:



BASTA DE MULHERES MORTAS POR ABORTOS CLANDESTINOS!

DEPOIMENTOS SOBRE A GRIPE A E A SAÚDE PÚBLICA

"Por mais comida e menos Tamiflu.

Em tempos de gripe A (inicialmente chamada de gripe suína) faz-se necessária uma reflexão sobre qual modelo de sistema de saúde queremos. Nos postos de saúde, na rede de atenção primária, nos hospitais referência ao atendimento de moléstias infecciosas, o que se observa é o mesmo cotidiano caótico de sempre. O alarde da mídia não foi acompanhado de capacitação dos recursos humanos na área da saúde, muito menos de uma reorganização na assistência capaz de conter a crescente demanda de uma população que se desespera com o passar dos dias. Quem dita realmente as prioridades na assistência à saúde? A necessidade? A mídia? O que se observa na prática, é que se existisse uma estrutura de atendimento satisfatória para doenças do "terceiro mundo" (diarréia, pneumonias, desnutrição...), não precisaríamos de todo esse dispêndio de recursos para conter uma epidemia obscura, com dados conflitantes e de magnitude controversa. Enquanto isso, crianças continuam a morrer de fome, mulheres de complicações relacionadas a abortos clandestinos, nos prontos-socorros faltam gaze e soro. Mas Tamiflu não, esse não vai faltar, nem tão cedo. O alarde é puro marketing."

Eduardo Falcão, estudante 6º ano de medicina- Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas e estagiário do Programa de Saúde da Família Virgem dos Pobres, Maceió-AL.

"Fomos pegos meio no susto, um dia era algo localizado no México, depois algo terrível que na era do avião poderia matar mais que a gripe espanhola que matou mais de 50 milhões de pessoas, o susto vai aumentando de acordo com cada novo alerta da OMS. Começam a chegar normas diárias, cuidados com os viajantes, cuidados com os vizinhos... e de repente o vírus se espalha de uma maneira não autorizada por pessoas que achavam que com panfletos e normas iam ajudar a explicar ao vírus como ele devia se comportar... Devemos nos preparar, devemos triar e prevenir, decidir a quem dar um remédio que a CONVISA confiscou... Mas é igual ao vírus que sempre vimos, como diferenciar??? Fomos pegos de surpresa, nos preparamos a cada dia com a nova norma que sai a cada minuto. Mas, como me preocupar tanto com uma doença, quando vejo milhares de pessoas ainda morrendo de catapora, malária, gravidez de risco..."

Raquel, médica do PSF da zona sul na periferia de São Paulo

CHEGA DE VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA AS MULHERES! CONTRA A BANALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA! PUNIÇÃO DOS CULPADOS JÁ!



MOÇÃO DE APOIO DO PÃO E ROSAS ÀS ESTUDANTES DA UFF RIO DAS OSTRAS

Por Gabriela Fonseca, estudante da UNESP- Rio Claro

Reforçando as denúncias feitas pelo movimento estudantil do estado de SP, relatando inúmeros casos de violência sexual na comunidade acadêmica que deliberadamente caem no esquecimento, viemos conhecer agora algo pior acontecendo em um dos estados mais visitados do Brasil; Rio de Janeiro. O litoral fluminense, com sua paisagem convidativa, vem se mostrando um lugar cada vez mais hostil para as mulheres.

Companheiras/os da Universidade Federal Fluminense-UFF, campus Rio das Ostras, vêm praticando uma importante e árdua tarefa de denunciar casos absurdos de assédio sexual, onde as vítimas têm seus corpos violados da forma mais perversa possível. As estudantes universitárias convivem com o medo diário de sair de suas casas e serem estupradas, dormindo com facões do lado de suas camas para se proteger, escondendo até suas roupas íntimas do varal. São mulheres que mudam toda sua rotina para não passar por determinados lugares, não andarem sozinhas. São privadas de sua liberdade por um estuprador que até o meio de junho já tinha atentado contra 13 mulheres, sendo suspeito de pelo menos mais 4 casos em cidades da região. O último caso na segunda metade de junho, quando duas estudantes ingressantes no campus andavam pela rua e foram abordadas por um homem que as levou a um terreno baldio, ameaçando-as de morte todo tempo, marcando de forma dura e cruel suas vidas. Elas ainda esperam por justiça...

Em resposta ao silêncio das autoridades, da burocracia acadêmica e da reitoria, vemos o movimento estudantil organizando-se e gritando contra a barbárie e o estado de sítio já normatizado em Rio das Ostras. Nós do grupo de mulheres Pão e Rosas apoiamos as companheiras e companheiros em luta contra a violência e estupro contra as mulheres e para que o silêncio seja rompido!

SOMOS TODAS HONDURENHAS! ABAIXO O GOLPE EM HONDURAS!

O golpe em Honduras e a perspectiva classista e internacionalista do Pão e Rosas

por Rebeca Costa (estudante da Unesp-Marília) e Paula Berbert (estudante da Unicamp)

Há quase dois meses aconteceu, em Honduras, um golpe militar organizado pelas Forças Armadas hondurenhas e com o apoio do poder judiciário e legislativo, dos setores mais reacionários da burguesia daquele país e das igrejas católica e evangélica. Este é o primeiro golpe militar que acontece nos marcos da atual crise econômica, cuja saída apresentada pelas classes dominantes e pelos governos é aprofundar a exploração e a miséria da maior parte do povo, com demissões, diminuição de salários, retirada de direitos.

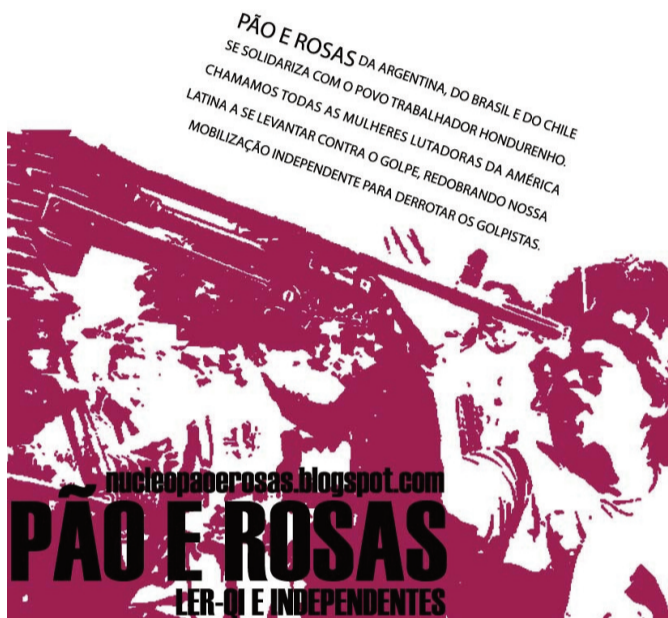
Honduras é o terceiro país mais pobre da América Latina, atrás somente do Haiti e da Nicarágua. 27,5% de sua população está desempregada e 49% de seus habitantes vivem no campo, em condições miseráveis devido, tal como no Brasil, à existência do latifúndio. Sua economia é completamente dependente dos EUA - 69,5% das exportações são destinadas a este país e 55,3% das suas importações são de produtos estadunidenses. Essa dependência fica ainda mais explícita quando pensamos sobre a composição de seu PIB: 25% é constituído por remessas de imigrantes hondurenhas que trabalham fora do país e os 75% restantes, dependentes de investimentos externos, estão, fundamentalmente, na indústria têxtil, na produção de bananas e café, destinados ao consumo norte-americano.

Em um contexto de crise econômica, os interesses e a dominação de uma burguesia claramente atrelada ao imperialismo estadunidense ficaram ameaçados e as divergências e as tensões políticas daí derivadas entre as diferentes frações das classes dominantes hondurenhas se acentuaram, bem como a sua intolerância a qualquer medida que pudesse aprofundar sua instabilidade. A aproximação de Zelaya, presidente deposto, com Chávez e Morales, expressa na incorporação de Honduras na ALBA (Aliança Bolivariana para as Américas) e também no PetroCaribe (acordo de cooperação energética proposto pelo governo venezuelano entre os países caribenhos), além de um pequeno aumento salarial por ele proposto, desagradou os setores mais reacionários e pró-imperialistas do país. Finalmente, no dia 28 de junho, após a tentativa de fazer uma consulta aos eleitores sobre a possibilidade de alterar a constituição para que ele pudesse se reeleger presidente, Manuel Zelaya foi seqüestrado de sua casa e mandado para a Costa Rica pelos militares.

Mal os militares instituíam seu governo, com Micheletti, antigo presidente do Congresso, à sua frente, o povo hondurenho tomava às ruas da capital Tegucigalpa para lutar contra o golpe. Inúmeras manifestações massivas aconteceram, enquanto a classe trabalhadora, a juventude e as mulheres de Honduras se organizam bravamente para resistir. Enquanto isso, Zelaya tentava negociar sua volta com os golpistas, se dispondo, inclusive a concedê-los a anistia, com o aval da Organização dos Estados Americanos

(OEA) e do imperialismo yanque, em um intento claro de desmoralizar a resistência do povo e naturalizar o golpe. E os golpistas respondiam as mobilizações com ainda mais violência, reprimindo os protestos, prendendo líderes sindicais e populares, além de assassinar ativistas como o Roger Adrian Vallejo Soriano.

SOMOS TODAS HONDURENHAS



Destacamos, nesta edição do nosso jornal, a heroica atuação das mulheres hondurenhas, que diante da truculência da burguesia e do exército agiram com ainda mais coragem e abnegação, organizando a frente Feministas em Resistência de Honduras, que congrega vários grupos de mulheres. Nós, do Pão e Rosas Brasil, saudamos nossas irmãs hondurenhas, prestamos nossa solidariedade juntamente com nossas companheiras do Pão e Rosas da Argentina e do Pão e Rosas Teresa Flores do Chile, e estamos ao lado destas valentes lutadoras pela derrota do golpe. As mulheres hondurenhas são um exemplo de organização e de luta para todas nós - trabalhadoras, donas-de-casa e estudantes -, demonstrando a força das mulheres, sobretudo quando nos colocamos ao lado dos trabalhadores.

O golpe militar em Honduras nos faz recordar dos piores momentos políticos da América Latina, as ditaduras militares. Historicamente, as ditaduras foram aqui instauradas

pelos setores mais reacionários da burguesia de nosso continente, que não hesitam em recorrer a golpes e à repressão do povo quando sentem seus interesses econômicos e políticos ameaçados. Isso demonstra a todos os entusiastas da democracia dos ricos que somente a classe trabalhadora, munida de seus métodos de luta, é capaz de salvaguardar uma verdadeira democracia, a democracia dos trabalhadores e trabalhadoras. Ao mesmo tempo, chamamos a mais ampla frente única de todos os setores que se colocam contra o golpe para colocar de pé uma forte e ativa campanha internacional. O sangue do povo hondurenho não pode continuar sendo derramado!

Sabemos que a nossa luta contra a opressão machista é também uma luta contra o capitalismo, que só nos trás exploração e miséria. Nesse sentido, é preciso que tenhamos clareza que muito mais do que um diferencial em relação a outras agrupações de mulheres, o nosso classismo é a nossa principal arma. Vamos juntas quebrar os grilhões do capitalismo, acabar com a exploração, opressão e machismo. Lutar contra este sistema que nos exclui dos nossos principais direitos. Sistema de lógica patriarcal, que mantém as mulheres haitianas reféns das tropas militares, que ignora mortes de mulheres por abortos, estupros, que não respeita e tira nosso direito a maternidade e as escolhas sobre nosso próprio corpo, assim como nossa sexualidade. O fim da opressão de todas nós só será garantido com o fim deste sistema, que deve ser derrubado internacionalmente pela classe trabalhadora. Por isso, nos colocamos ao lado dos trabalhadores e de suas lutas. Hoje a tarefa mais imediata da classe trabalhadora na América Latina é a derrota do golpe militar em Honduras pela força de sua mobilização e pela solidariedade internacional dos trabalhadores. Por fim, nós enquanto grupo de mulheres que integramos a Conlutas, acreditamos que é urgente a tarefa de colocar de pé a mais ampla e ativa solidariedade à resistência das trabalhadoras, trabalhadores e do povo hondurenho, a começar pela própria Conlutas e os sindicatos e movimentos sociais que a integram, fazendo o mais amplo chamado a todos os sindicatos, centros acadêmicos, movimentos populares, feministas, de direitos humanos, para que organizemos no Brasil um grande pólo de solidariedade às trabalhadoras e trabalhadores de Honduras.

Nós, mulheres do Pão e Rosas Brasil, gritamos em alto e bom som:

SOMOS TODAS HONDURENHAS!

TODO APOIO À RESISTÊNCIA DOS TRABALHADORES E DAS MULHERES DE HONDURAS!

ABAIXO AO GOLPE!

OUTRAS CAMPANHAS DO PÃO E ROSAS:

A TERCEIRIZAÇÃO

...
**ESCRAVIZA
HUMILHA
DIVIDE.**

EFETIVAÇÃO DE TODAS AS
TRABALHADORAS E TRABALHADORES
TERCEIRIZADOS, COM OS MESMOS
SALÁRIOS E DIREITOS!

Pão e Rosas
LER-UI e INDEPENDENTES

<http://nucleopaerosas.blogspot.com>

**SOMOS
TODAS
MARCELO
CAMPOS.**

Visite nosso site na internet:
nucleopaerosas.blogspot.com
Para entrar em contato envie um
e-mail:
paoerosasbr@gmail.com

Expediente

Editora responsável:
Diana Assunção
Redação e edição:
Clarissa Menezes e Mara Onijá
Diagramação: Ana Tossato
Desenho e imagens:
Maitê Fanchini e Ana Tossato
Colaboraram nesta edição:
Débora Lessa, Bruna Bastos,
Stephanie "Pacata" Fenselau,
Rebeca Costa